

ENTREVISTA

Saberes rizomáticos em educação

Entrevistada: Márcia Fusaro   - Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) com pós-doutoramento em Artes (UNESP); Mestra em História da Ciência (PUC-SP); Especialista em Língua, Literatura e Semiótica (USJT). Professora e pesquisadora dos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Educação (PROGEPE e PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Vínculo Institucional: Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Dialogia: De forma breve, destaque o seu percurso acadêmico/profissional.

Márcia Fusaro: Começo agradecendo às editoras da *Dialogia*, Patrícia Bioto e Adriana Terçariol, pelo gentil convite. Meu percurso tem uma perspectiva transdisciplinar, para usar um termo mais alinhado à contemporaneidade. Fiz bacharelado em Tradução e Interpretação com Licenciatura Plena em Letras (Português-Inglês). No último ano de faculdade, fui aprovada no teste de uma grande editora. Ainda trabalhava como tradutora quando, alguns anos depois, cursei um *lato sensu* em Língua, Literatura e Semiótica. Foi nesse curso que conheci a Profa. Dra. Ana Haddad, que viria a ser, logo a seguir, minha orientadora no mestrado em História da Ciência na PUC-SP. Nossa parceria existe desde então, há mais de vinte e cinco anos. Com Ana aprendi, desde o primeiro encontro em sala de aula, o cultivo pela liberdade intelectual. Em termos acadêmicos, não qualquer liberdade, mas aquela pautada pela devida epistemologia. Foi ela quem me apresentou a obra de Gilles Deleuze, entre tantas outras paixões intelectuais. Não por acaso, sob sua orientação no mestrado, abordei o tempo-memória em um romance de Clarice Lispector, interfaceado a princípios de física teórica e à filosofia de Deleuze. Nesse período, comecei a atuar como professora nos cursos de Tradutor e Intérprete e de Letras da UNINOVE, os quais eu também viria a coordenar por dez anos. No doutorado, pesquisei o cinema à luz da semiótica, mantendo o viés transdisciplinar sobre tempo-memória em diálogo com a física teórica e a filosofia de Deleuze, em especial nas obras que ele dedicou ao cinema (*Imagem-movimento* e *Imagem-Tempo*), nas quais, de saída, estabelece diálogos com a semiótica de C.S. Peirce. No pós-doutoramento, já como professora dos Programas *stricto sensu* em Educação da UNINOVE (PROGEPE e PPGE), pesquisei as artes tecnológicas no teatro pelo viés semiótico, e algumas de suas possíveis repercussões na educação, mantendo diálogos epistemológicos com filosofia e ciência. Por esses percursos transdisciplinares, continuo a atuar como professora e pesquisadora.

Dialogia: Qual o seu entendimento a respeito da presença dos saberes rizomáticos na pesquisa em educação na atualidade no Brasil e em outros países?

Márcia Fusaro: Primeiramente, é importante lembrarmos a origem do conceito filosófico de rizoma, criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Na biologia, rizoma é um caule espesso, subterrâneo e geralmente horizontal, a partir do qual se formam incontáveis brotos e raízes alimentados pelos nutrientes e água presentes no rizoma. Por extensão, na filosofia de Deleuze e

Márcia Fusaro

Guattari, o conceito de rizoma é aquele que valoriza a multiplicidade, a heterogeneidade, as conexões descentralizadas, horizontais e não lineares, tudo isso pensado em termos dinâmicos de transformação (devir), sem começo nem fim, sempre pelo meio.

Considerando os saberes rizomáticos na pesquisa em educação no Brasil, considero que ainda há muito a ser trilhado. A começar por um melhor entendimento do que sejam tais saberes e suas im(a)plicações em termos de pesquisa. A transdisciplinaridade, um dos conceitos que dialoga mais de perto com saberes rizomáticos, ainda é pouco compreendida, tanto em termos conceituais quanto práticos na pesquisa em educação. Ainda que se trate de uma abordagem urgentemente necessária às necessidades do nosso tempo, percebo, ainda vigente, o paradigma valorizador das especializações em determinados núcleos acadêmicos, resistentes em aceitar pesquisas de teor mais acentuadamente transdisciplinar.

Uma tal abordagem requer entendimentos mais profundos em termos epistemológicos. No Brasil, já existem pesquisadores e núcleos de pesquisa atuantes nesse sentido, mas ainda parecem iniciativas tímidas diante da urgência de necessidade de atualização e ampliação de saberes e parcerias. Sobretudo se comparados a determinados núcleos de pesquisa estrangeiros.

Nossa educação é conservadora em vários sentidos. Talvez por ainda se manter, apesar das tentativas em contrário, desfavoravelmente atrelada a paradigmas disciplinares e hierarquizantes do conhecimento. É preciso ter a coragem de descer da árvore verticalizada do conhecimento e aprender a se sentar sobre o gramado rizomático dos saberes, apreciando o conhecimento compartilhado de forma horizontalizada.

***Dialogia:* Qual o seu entendimento a respeito da presença dos saberes rizomáticos na escola básica no Brasil e, também, no ensino superior?**

Márcia Fusaro: Como saberes imanescentes à própria vida, em toda sua abrangência de multiplicidades e devires, os saberes rizomáticos estão presentes em todo o processo educacional. O problema é que nem sempre são reconhecidos como componentes fundamentais de formação. Isso, porque, em ampla medida, há uma ausência de fundamentações epistemológicas na formação de professores nas licenciaturas. Questão que, por vezes, permanece inclusive na pós-graduação. Inadvertidamente, essas ausências epistemológicas acabam se refletindo ao longo do processo escolar, na forma de pensar a educação, elaborar currículos e educar na prática, do ensino básico ao superior.

Apesar das mudanças curriculares propostas nas últimas décadas, com conteúdo elaborado por áreas de conhecimento, a educação continua a ser tratada por alguns de seus próprios núcleos de formação e pesquisa ainda de forma defasada, binária, sem aberturas aos agenciamentos epistemológicos fundamentais às desterritorializações e reterritorializações necessárias à atualidade dos rizomas tecnológicos potencializados pelo uso das IAs e mídias sociais, entre outros agenciamentos.

Posso citar um exemplo dessa defasagem na dificuldade que enfrento, até hoje, em determinados contextos educacionais, tanto do ensino, quanto da pesquisa, quando menciono a necessidade urgente de nos voltarmos à educação midiática desde a educação básica. A ausência de fundamentação epistemológica leva ao preconceito já diante do termo “midiática”. Percebo olhares de “Como assim? Está querendo dizer que teremos de formar alunos desde cedo para se tornarem youtubers midiáticos? Popstars de redes sociais?”. Por incrível que pareça, já vi este tipo de reação quando, na verdade, a educação midiática se faz necessária devido a toda uma fundamentação semiótica sobre as mídias comunicacionais que necessita urgentemente fazer parte da formação educacional. Em diálogos com a filosofia, as ciências e as artes, a fim de formar professores capazes de orientar estudantes, já desde o ensino básico, a lidar com *fake news* e *deep fake*, entre outras questões fundamentais na atualidade. Por isso é preciso, também de forma urgente, nos voltarmos

Márcia Fusaro

à educação e à pesquisa devidamente fundamentadas nas devidas epistemologias, assim mesmo, no plural, como capacitação aos saberes rizomáticos inerentes aos agenciamentos contemporâneos.

Dialogia: Quais considera serem os autores mais representativos desta linha de pensamento na atualidade?

Márcia Fusaro: Mencionarei alguns nomes, de saída com um pedido de desculpas por certamente esquecer outros igualmente importantes. Para começar, não há como abordar saberes rizomáticos, para voltar ao termo escolhido para este dossiê, sem passar pela filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Incompreendidos por muitos intelectuais em seu próprio tempo (e mesmo nos dias atuais), sua obra filosófica densa, elaborada tanto em dupla, quanto individualmente, está hoje servindo de fundamentação a inúmeras áreas do conhecimento. Informática, medicina, artes, comunicação, antropologia, educação, para citar somente algumas. No Brasil, há intelectuais destacáveis que mantêm ativa a herança filosófica de Deleuze e Guattari: Ana Maria Haddad Baptista, Silvio Gallo, Suely Rolnik, André Parente, Eduardo Viveiros de Castro, entre outros. Gaston Bachelard, físico, químico, filósofo da ciência e, sobretudo, poeta, já lidava com saberes rizomáticos bem antes da criação do conceito filosófico de rizoma. Lembremos também Edgar Morin, criador de toda uma filosofia voltada ao conceito da complexidade. Ainda ativo intelectualmente nos dias de hoje, aos 102 anos, merece mais do que nunca ser aqui citado. O sociólogo Michel Maffesoli é outro nome destacável. André Lemos, pesquisador brasileiro orientado por Maffesoli. O geógrafo brasileiro Cassio Hissa. O saudoso matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrosio. Marco Lucchesi, escritor e intelectual brasileiro fundamental na atualidade. O biólogo e escritor moçambicano Mía Couto. Gonçalo Tavares, escritor angolano-português. Grada Kilomba, incrível pensadora e artista portuguesa. Outros nomes poderiam ser lembrados. Por ora, fico com estes. Intelectuais cujas obras completas merecem ser (re)conhecidas por traçarem percursos rizomáticos fascinantes.

Dialogia: Comente a seguinte colocação de Ubiratan D'Ambrosio (2005, p. 101): “Um resultado esperado dos sistemas educacionais é a aquisição e produção de conhecimento. Isto se dá fundamentalmente a partir da maneira como um indivíduo percebe a realidade nas suas várias manifestações: uma realidade individual, nas dimensões sensorial, intuitiva, emocional, racional; uma realidade social, que é o reconhecimento da essencialidade do outro; uma realidade planetária, o que mostra sua dependência do patrimônio natural e cultural e sua responsabilidade na sua preservação; uma realidade cósmica, levando-o a transcender espaço e tempo e a própria existência, buscando explicações e historicidade.”

Márcia Fusaro: Que felicidade ler esta citação do saudoso professor Ubiratan D'Ambrosio! Tive a honra de assistir a algumas de suas aulas enquanto cursava o mestrado em História da Ciência. Lembro com saudade do tom cativante com que narrava detalhes saborosos sobre a história da matemática em diálogos epistemológicos com inúmeras outras áreas do conhecimento: artes, literatura, antropologia, filosofia, ciências, educação, entre outros. O termo “cósmico”, mencionado por ele na citação, nos dá a dimensão de generosidade e, também, da extensão profunda de seu pensamento. Somente um educador desse porte, matemático com olhar de poeta e humanista de saberes rizomáticos, seria capaz de criar o conceito de Etnomatemática, conhecido nacional e internacionalmente. Educadores de todas as áreas, e não somente da área de Matemática, deveriam ler toda a obra de Ubiratan D'Ambrosio. Recomendo também, especialmente, seu livro *Transdisciplinaridade*. Surpreende como, já na década de 1990, ele abordava este conceito como necessário à formação educacional e à pesquisa em educação.

Márcia Fusaro

Dialogia: Em seu entendimento, quais os maiores desafios ao se orientar pesquisas que optam pela abordagem transdisciplinar?

Márcia Fusaro: Um dos maiores desafios é, sem dúvida, o domínio epistemológico necessário a uma orientação desse tipo. É preciso que nos lembremos de voltar, sempre, às bases filosóficas como fundamentação. Por interesses relacionados aos jogos de poder, sobretudo nas últimas décadas, no Brasil, a filosofia foi sendo cada vez mais desconsiderada como parte da formação educacional. Aliás, o mesmo pode ser dito sobre as artes, cada vez mais vistas como “perfumaria” em termos de formação. Os prejuízos desse tipo de pensamento atrasado já estão batendo às nossas portas educativas e existenciais planetárias. E não é de hoje. Excessos de uma racionalidade cientificista acadêmica que foi se deixando impregnar cada vez mais por um viés positivista separador dos saberes. Sobre isso, recomendo especialmente o livro *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, em que a filósofa Martha Nussbaum, também uma pensadora dos saberes rizomáticos, nos alerta sobre a necessidade da volta às bases epistemológicas que atribuam a devida importância às humanidades em termos de formação universitária e de pesquisa acadêmica em diálogos transdisciplinares entre diferentes áreas do conhecimento.

Dialogia: Como entende as contribuições da transdisciplinaridade para o desenvolvimento profissional dos educadores?

Márcia Fusaro: Conhecer os princípios e aplicações práticas da transdisciplinaridade é fundamental em termos de desenvolvimento profissional aos educadores. Sobretudo nos tempos atuais que necessitam, mais do que nunca, de educadores lúcidos às necessidades humanas e planetárias. Vivemos um momento histórico extremamente desafiador e precisamos estar atentos ao que o mundo contemporâneo nos solicita. Saber estabelecer agenciamentos dinâmicos entre saberes rizomáticos (princípio de ação da transdisciplinaridade) é uma das solicitações da contemporaneidade para a educação. Mas colocar isso em prática requer um exercício contínuo e profundo de leitura, sobretudo da literatura, potente promotora de *afectos* e *perceptos*, conforme nos lembram Deleuze e Guattari. Mas não basta um querer para dar conta disso. É preciso uma *necessidade* de leitura como potência de vida. Necessidade de leitura como elemento fundante de uma educação como prática da liberdade, para lembrar Paulo Freire. Para além de todo o aparato tecnológico atual que nos auxilia, mas também nos assombra, é preciso lembrar de voltar às bases do sentir e do pensar por meio da leitura. Sempre! Por isso, a/o docente que se contenta em ler um mínimo (quando lê) de títulos reservados somente à sua área de formação/atuação, não tem como acessar e agenciar os saberes rizomáticos vinculados à transdisciplinaridade na educação. Com meu trabalho de formação de professores há mais de duas décadas, evidentemente não estou alheia ao estresse cotidiano ao qual professoras/es são submetidos. Docentes são exemplos de resistência. Mas lembremos que essa história de desvalorizar a educação e o profissional de educação não vem de hoje. É preciso, sim, não se esquecer das justas reivindicações à carreira docente. No entanto, também é preciso lembrar de que quando se abre mão do exercício da leitura, o que se põe em prática é justamente ajudar a manter e reforçar os sistemas opressores ativos e de desvalorização da educação com os quais, infelizmente, já se tem de lidar cotidianamente no contexto brasileiro. Fundamental, portanto, apesar de tudo, apesar de tudo, repito, não se render facilmente aos motivos apresentados para a ausência de dedicação à leitura: falta de tempo (sempre primeiro da lista), o preço dos livros (mesmo com acessos possíveis em bibliotecas e por meios digitais), etc., etc. Enfim, não há atalho, manual, resumo ou milagre possível. É preciso ler. Ler de modo transdisciplinar. Como necessidade de vida. UMA VIDA, em caixa alta, conforme nos lembrou Deleuze em uma bela passagem de seu último ensaio “A imanência: uma vida...”.

Márcia Fusaro

Dialogia: Você gostaria de apontar aspectos que não foram contemplados nas perguntas anteriores?

Márcia Fusaro: Deleuze e Guattari defendem que filosofia, ciência e arte são igualmente criadoras. Que não há hierarquia entre suas manifestações. Este tem sido meu lema de vida como pesquisadora e formadora de docentes. Nesse contexto, gostaria de finalizar destacando a importância da sensibilidade lúcida e do papel das artes como alfabetizadoras dos sentidos no processo educacional. As artes, e nestas, especialmente a literatura, são potentes agenciadoras entre saberes. No livro *Conversações*, em uma de minhas passagens preferidas, Deleuze afirma que a arte é o que resiste. Resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha. Levo isso comigo. E sempre que tenho oportunidade levo isso também às professoras e professores. É preciso resistir às tiranias cultivando, sobretudo, a saúde mental. A saúde da alma. As artes e a literatura são meios potentes para isso e um tanto mais. Venho trabalhando essa conscientização como ponto de partida aos saberes rizomáticos na formação de professores ao longo dos anos. É preciso alfabetizar os sentidos, ampliar os signos de leitura. De modo que os próprios docentes sejam capazes de identificar não somente saberes rizomáticos, mas, para além, de se conectar criativamente a eles, em parceria com alunas e alunos, gerando novas oportunidades de *acontecimentos educativos*.

Obrigada!

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

BIOTO, Patricia Aparecida; TERÇARIOL, Adriana Aparecida de Lima. Saberes rizomáticos em educação. Entrevistada: Márcia Fusaro. *Dialogia*, São Paulo, n. 51, p. 1-5, set./dez. 2024. <https://doi.org/10.5585/51.2024.27794>

American Psychological Association (APA)

Bioto, P. A., & Terçariol, A. A. de L. (2024, set./dez.). Saberes rizomáticos em educação. Entrevistada: Márcia Fusaro. *Dialogia*, São Paulo, n. 51, p. 1-5. <https://doi.org/10.5585/51.2024.27794>